

CINE-JORNAL

ANO I—N.º 4—11 DE NOVEMBRO DE 1935

12/XI/935
DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$



NO PRÓXIMO NÚMERO: As mulheres e o Amor por FLORELLE

Crónica da Semana

dêsse grupo de homens que durante um ano suportaram temperaturas que vão de 60 graus positivos a 40 negativos, vencendo os mil e um obstáculos do interminável trajeto, demovendo contrariedades sem conto — desde a simples ovariá mun caror até as mais complicadas exigências das aflições...

Embora o «Cruzeiro amarelo» fosse iniciativa duma organização industrial, a verdade é que o nome da Fraus se fez assim ouvir através do continente asiático.

E não podemos dizer isto sem uma certa nuveja.

Porque o feito é caracteristicamente português: gosto pela aventura, prazer de deusar, paciência na adversidade. Mas, enfim, não fomos nós que o praticamos.

Não nos achemos, porém, sobejamente compensados se nos lembrarmos que, ainda não há muito, levantámos o símbolo da nossa civilização mais alto que o Pamir e o Himalaia, sob o mesmo sol da Ásia, nas asas frágeis de aparelhos de série!...

ANTÓNIO DE C. NUNES

O «senhor difícil» é o inimigo n.º 1 da sociedade... cinematográfica.

«Cinco dias no planeta Marte. Que lhes parece? Um documentário super-sensacional, não é verdade? Pois bem. Procurem o «senhor difícil», o que de certo não dará muito trabalho. E logo ele comentará — esperava melhor, esperava melhor; muito monótono, sem grandes contrastes...»

Imaginem agora que, graças a um microfone indiscreto, se conseguiu fazer um relato ao público, do último conselho de ministros da Inglaterra. Devia ser curioso. Pois o «senhor difícil» diria convicto, bem informado: — «tal e qual o que eu supunha».

Bem visto o caso, o nosso homem não é mais que o filho legítimo desta época de paroxismos, de «recórdos» todos os dias ultrapassados, do mais-além sófrego e inquieto. Simplesmente, é pena que não abandone, ao menos uma vez, a sua posição cómoda de hiper-crítico e não se pouhe a realizar qualquer coisa que constitua depois a sua própria admiração.

* * *

Sejamos mais razoáveis que o «senhor difícil». Autogozemos nós, simples mortais que nunca passámos de Sevilha ou Budajoz, o que será esse extraordinária viagem de 30.000 quilómetros através da Ásia, que o «Cruzeiro amarelo» nos proporcionou.

Regaladamente sentados, defendidos do horror da sede por um bufete amável e ao abrigo dos desníveis de temperatura, é contudo possível que o realismo do documentário nos sugestione de tal forma que a ilusão nos ganhe e sintamos sob os nossos pés o tapete mágico dos contos de criança.

Pois não será um sonho essa maravilhosa travessia de Beyrouth a Pequim?

Saiamos, desta vez, das barracões dos estúdios e dêmos aos nossos olhos o regalo de os fixar nas paisagens, nos usos e costumes da Indo-China, no Sião, da Índia...

A dois passos do Chiado, subiremos até ao Pamir, alcançaremos — sem grande esforço... — os picos mais altos do Himalaia. Transformulos em alrevidos escaladores de montanhas, como nos hão-de parecer mesquinhos as façanhas de Tartarin nos Alpes!

E se há justiça na terra, terá cada um de bem-dizer o cinema quando, ao regressar a casa, eslender em cama fôja o seu corpo folgado, capaz de no dia seguinte fazer nova caminhada de seis mil léguas.

Não é menos curiosa a parte do documentário em que, acidentalmente, são apresentados alguns aspectos do conflito sino-japonês: um quadro mais duma longa tragédia, cujos autores é de recear que venham procurar na Europa o apêndice cenário para a opoteose final...

* * *

Meis não é só ao cinema, e às suas extraordinárias possibilidades, que deve ser dirigido o nosso reconhecimento. Há também que admirar a tenacidade

Como se toma um banho de sol

por Rochelle Hudson

TUDO na vida tem sua ciência. E quando não quisermos baptisar com este palavreado, que cheira a bafiento! Académia, o simples *savoir-faire*, digamos antes, como diz o povo, que tudo na vida tem o seu preceito.

Ora para dissertar sobre o tema «como se toma um banho de sol», tenho, antes de mais nada, que lavar o meu mais veemente protesto contra a forma atributória como se usa e abusa dêsse tónico admirável, que a Natureza pôs ao alcance daqueles, que não têm posess para se instalar nas clínicas e colher os benefícios incalculáveis da diatermia e seus derivados.

O mal é o mesmo em todos os países. Mal o tempo começa a aquecer, a mocidade dispõe-se a «côrra» ao sol, como peças de roupa nas margens dos rios... Viram-se de barriga para o ar e tratam

de passar o santo dia a «cozer», como se fossem ovos de avesiruz espetados na areia.

À tardinha, encarniçados, apopléticos, com a pele a arder, e uma sensação de mal-estar indefinível recolhem a casa convencidos de que armazenaram saúde para o resto da semana.

Não sou médica, nem quero dar a estes bons conselhos, ditados pela experiência, tais foros... No entanto, sempre lhes direi que os que procedem assim caminham para a morte, a passos agitados. O sol queima, na verdade, a aceção da palavra, os tecidos subcutâneos. A pele deixa de respirar. Daí, a uma intoxicação geral, — é um passo.

Como se toma um banho de sol? Muito simplesmente: expondo-nos aos raios do sol. Mas expondo-nos, com cautela, com cuidado, *progressivamente*.

Muitas das raparigas, que trabalham nos estúdios e que querem «bronzear-se» de um dia para o outro, envolvem-se nuns grandes «envelopes» de celophane, substituição essa que reduz o poder calcinante dos raios solares. Essas, assim protegidas, mal o sol começa a aquecer, sujeitam, um dia inteiro, brancas de jáspe, as suas carnes. Em poucas horas, durante três ou quatro dias, ficam «estudadas»...

Quanto a mim, adoradora do mar, procedo assim. Debaixo dum tóido, e sob o enorme chapéu estou um, dois ou três dias. O ar do mar, só por si, começa a torrar-nos a pele. Depois, pouco a pouco, vou-me sujeitando, directamente, ao efeito dos raios solares.

Primeiro, dez minutos, depois um quarto de hora, sempre intervalado com outro tanto tempo à vontade.

Rio-me e lamento-os quando vejo esses pobres camarões cozidos, que abundam nas praias e que supõem que a terapêutica do sol se resume em apinhá-lo no máximo da força, e deixá-los se torrar até aos ossos.

Se assim fosse, o banho do sol, que é um dos prazeres do verão mais agradáveis, seria um suplício — digno da Inquisição...

Hollywood, Outubro de 1935.

ROCHELLE HUDSON

O festival internacional de cinema na Exposição de Bruxelas

Depois do grande êxito alcançado na Exposição Bial de Veneza, decorreu com interesse e brilhantismo o novo certame de cinema Internacional na Exposição de Bruxelas.

O cinema francês foi representado por *Les yeux noirs*, *L'Équipage*, *Justin de Marseille* e *Dora Nelson*.

Os belgas apresentaram: *Terres Brûlées*, *Cap au Sud* e *Les trois Mals Mercator*.

Inglaterra exibiu: *Escape me Never*, *Hozambo* e *Doss House*.

Os americanos fizeram-se representar por uma dezena de bons filmes, entre os quais se destacam: *Becky Sharp*, *O inferno de Dante* e *O Demmiante*.

Estiveram também presentes os produtores holandeses, alemães, suíços, japoneses e russos, que apresentaram em Bruxelas as suas mais recentes películas.

O filme *O Demmiante*, da R. K. O., com Victor Mac Laglen e Margot Graham, obteve o prémio do Rei, ou seja a mais alta recompensa dêste certame.

O crime e o castigo

Joseph von Sternberg, longe de Marlene, está realizando, para a Columbia, *O Crime* e *O Castigo*, segundo a obra famosa de Dostoiévsky.

O castigo...



Frances Drake, com este traje de mexicana, personifica bem o sol ardente da pátria de Viva Villa!

São otimistas, ss americanos!

Na América, começou a realizar-se um filme que se intitula *Life begins forty* (A vida começa aos quarenta anos).

Esperamos que algumas vedetas de-
modeês, ingêntas quarentonas e galãs
embranquecidas, alcancem um êxito
louco neste filme.

Elisabeth Bergner vai produzir

Depois de exilada do seu país, por
motivos políticos, a famosa estrela ale-
mã, Elisabeth Bergner, vai fundar uma
casa produtora em Londres, sob a deno-
minação de Interallied Film Producers
Ltd., devendo os seus filmes ser
distribuídos, em todo o mundo, pela
United Artists.

Nesse sentido, a ilustre artista acaba
de conferenciar e firmar acordo com
Joseph Schenck e Paul Czinner, para,
num curto lapso de tempo, iniciar as
filmagens da sua primeira grande pro-
dução.

A ex-mulher de Charlot, no ci- nema

Mildred Harris Chaplin, depois duma
ausência, de quatro anos, de Hollywood,
vai regressar à tela, e aparecerá — ela
que já foi estrela de primeira grandeza
— numa comédia, em duas partes, da
Columbia, que se intitula *Star Gazing*.
A ex-mulher de Chaplin abandonara
a sua carreira cinematográfica em 1931
e dedicava-se agora ao teatro ligeiro.

Shirley partiu um dente

Shirley partiu um dente.
Ia a sair a porta de sua casa, caiu,
e, com tão pouca sorte, que, batendo
com a boca numa travessa de madeira,
partiu um dente.

A nova foi dada em «Últimas noti-
cias», nas edições da tarde de todos os
jornais americanos.

Consequências: Shirley recebeu 5.720
cartas a inquirir da sua saúde, e 1.004
propostas de dentistas americanos, para
reparar, graciosamente, a avaria na
sua boca.

Shirley preferiu aguardar que o
dente lhe caia e que nasça o outro, e,
para efeitos do cinema, o caracteriza-
dor encarregar-se-á de lhe relocar o
estrago proveniente da queda.



As «girls» tomam às vezes estranhas atitudes para descansar... Ei-las, num intervalo de filmagem, nos estúdios da «Fox»...

Um filme soviético em côres

O célebre realizador russo Nicolas
Ekk, que produziu esse admirável filme
Canto da Vida, que Portugal não viu,
acaba de realizar em Moscovo, um
grande filme, de côres naturais, intitu-
lado o *Carnaval das Côres*, e onde se
vêm primeiro vistas inóveis: repro-
duções de quadros de obras de arte, e
depois paisagens, que celebrarão «a cor
em movimento», na região do Cáucaso.

Nicolas Ekk, tenciona realizar, den-
tro em breve, o seu segundo filme colo-
rido, que se chamará *Rouxinol*, pequeno
Rouxinol.

Jannings foi corrido da Ale- manha

Hitler acaba de proibir o grande ar-
tista Emil Jannings de aparecer sobre
os palcos da Alemanha e de interpretar
produções cinematográficas.

O pretexto apresentado é o de Jan-
nings não ser dotado de puro sangue
ariano.

Segundo consta, as autoridades nazis
impedirão também que todos os artis-
tas franceses judeus interpretem ver-
sões francesas, nos estúdios de Berlim.

«As Bodas de Figaro»

A Ufa vai filmar a sua primeira cine-
ôpera: *As Bodas de Figaro*, de Mozart.

Emagrecer e engordar

A Natureza, às vezes, gosta de se vin-
gar...

A vedeta americana Esther Kiss, para
manter a linha, precisou de emagrecer.
E desatou a fazer desporto e a jejuar
em excesso.

Acabou, como é natural, não só por
emagrecer como por se tubercular.

Resultado: foi para um sanatório,
com regime de super-alimentação, etc.
Depois de se restabelecer, pesou-se.
E constatou, alôntia, que a balança
acusava mais dez quilos do que no dia
em que iniciou o seu regime pró-ema-
grecimento.

A pobre Esther Kiss chora a sua
sorte! É duro salvar-se da morte, para
ficar com uma gordura que excede a
ad própria Mãe West...

Abaixo o amor!

Abaixo o sex-appeal!

Pregunto muita vez a mim mesma,
porque é que toda a gente me considera
como o protótipo do «sex-appeal». Gos-
taria que me dissessem, onde é que
vêm em mim tais características.

Antes de mais nada quero dizer que
não sou nada como julgam. Gostaria,
por isso, que o público mudasse de opi-
nião.

As minhas ideias e os meus senti-
mentos íntimos nada têm que ver com
umas e com outros que tenho que ex-
teriorizar na tela.

Têm-me, muitas vezes, confiado pa-
péis que não interpreto com prazer. E,
em muitos casos, preferia abster-me
deles.

Que fazer, porém? O meu contrato
nunca me deu direito de escolher os
argumentos...

Por outro lado, nunca deixei de pen-
sar que os realizadores devem saber
melhor o que convém, ou não, às ar-
tistas.

Se tivesse o direito de escolher, pre-
feriria, sem dúvida, os papéis em comé-
dias no género de *Uma boca para be-
ijar*, do que os outros que me forçam a
viver em filmes como *A mulher dos
cabelos vermelhos*.

Gostaria que os produtores me fizes-
sem interpretar papéis de mulheres,
que não fossem nem inocentes, nem tão
pouco profissionais do amor — mas sim

seres reais, com os seus impulsos e os
seus caprichos.

Suponho que o público apreciaria,
como eu, esta mudança.

As minhas características físicas, o
meu cabelo, a minha mocidade, desti-
naram-me a criar na tela, um tipo, com
características próprias.

Mas convenham-se disto: sou uma
atriz e as mulheres que tenho encar-
nando na tela são feitas à imagem e se-
melhança das idealizadas pelos auto-
res, pelos argumentistas, e pelos reali-
zadores.

Nenhuma delas reflecte o espírito da
própria Jean Harlow.

Queria, a todo o preço, convencer o
público desta verdade.

Mas, infelizmente, de não vê em mim
outra coisa, além daquilo que sou na
tela — a loira platinada, que vive ape-
nas para os homens e para o amor.

E, no entanto, o amor — afigura-se-
me a coisa menos interessante desta
vida. Ou por outra: é uma função nor-
mal — como comer, beber e dormir. E
nunca fui capaz de compreender a im-
portância exagerada que muitos lhe da-
m.

Acabo de escrever um livro. Verão
que, nessas páginas, o amor se limita às
relações normais entre marido e mu-
lher — que vivem, juntos, as alegrias e
prazeres, inerentes a todos os lares. Só
estes são seres normais — imagem dos
que encontro, na maioria dos casos, a
meu lado.

A mulher do meu livro — ou uma
mulher assim — eis o que eu gostaria
de ser na tela.

JEAN HARLOW



Carol Ana, a filha adoptiva de Wallace Beery, está fazendo um «sweater» de malha. Wally ajuda-a, na medida do possível...

NOTÍCIAS DE
TODA A PARTE...

como vejo o estúdio do Lulillar

UM dos grandes males do cinema português reside na ausência quasi completa de vedetas cinematográficas.

Porque, se repararem bem, quasi todos os que têm provado bem nos filmes já realizados são nomes conhecidos dos nossos palcos, já feitos no teatro de declamação ou de revista.

O cinema português ainda não criou um artista que possa ombrear com aqueles, em popularidade e valor próprio—isto talvez porque há pouco começou e por que as vedetas «fazem-se» e, entre nós, há pouco quem as saiba fazer. Mesmo aquelas que têm um talento comprovado falham ou triunfam num filme—consoante o prestigio, o mérito, e a experiência do realizador.

Maria Castelar tentou os seus primeiros passos nas «Pupilas». Leitão de Barros, deu-lhe uma pequena rúbula, graciosa, gentil, e Maria Castelar, escudada pela sua experiência de animador e de actríz, triunfou em toda a linha, com a sua mocidade sábia, com o seu sorriso feito de simplicidade e de doçura.

Pode dizer-se sem sombra de exagero, que Maria Castelar, fora dos profissionais que têm abordado o cinema, foi uma das mais completas, revelações, muito embora o seu talento só se possa ajuizar num trabalho de maior fôlego.

Logo que se pensou em realizar um novo filme, o nome de Maria Castelar foi lembrada para um papel de relêvo. E o que tem no Trevo de Quatro Fôlhas, e estamos certos de que a linda artista, saberá mostrar-se à altura da confiança que levou os produtores a encarregá-la do desempenho duma das figuras principais da história.

Maria Castelar, desta feita, foi assim promovida a vedeta. O seu nome, figura nos cartazes, ao lado dos de Procópio, Nascimento e Beatriz. E ficamos ansiosos, agora, por ajuizar, duma forma precisa, o seu talento de artista.

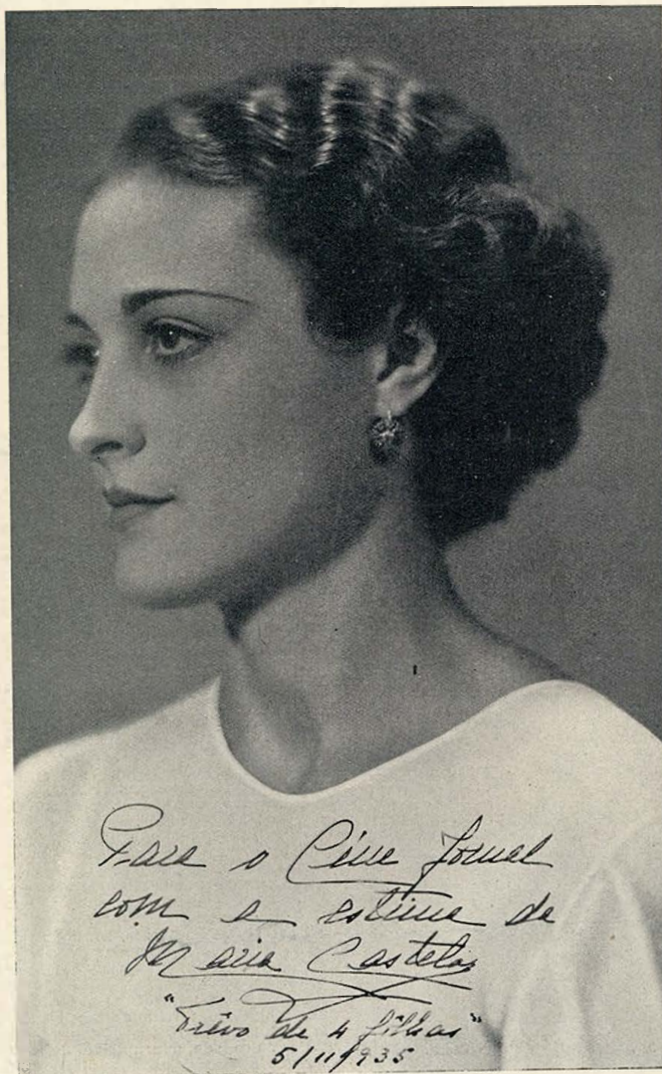
* * *

A história de Maria Castelar é simples, tão simples como ela própria. Rapariga do nosso século, pertencendo a uma das melhores famílias de Lisboa, soube vencer os preconceitos que ainda hoje separam os sonhos de muitas das realidades dos estúdios—e tentar à sorte no cinema.

Em boa hora o fez.

O cinema não alterou a sua maneira de ser. Continuou a mostrar-se como a mesma rapariga simples e despretenciosa de sempre.

As luzes do estúdio deslumbraram-na. A carreira encantou-a. O seu exemplo era pre-



por Maria Castelar

ciso—para que outras raparigas possam seguir os seus passos, sem recar convenções sociais que cheiram a bafo, sem tener preconceitos que já não são do nosso tempo.

O estúdio não é nefasto para uma rapariga. O cinema não pode prejudicar a sua vida social. E a confirmar o que dizemos—o exemplo de Maria Castelar, a linda rapariga portuguesa que foi das primeiras a viver, na realidade, os sonhos que têm embalado muitas outras.

* * *

Pedimos a Maria Castelar que nos comunicasse as suas impressões sobre o seu trabalho no estúdio. Mandou-nos as notas curtíssimas, que publicamos, a seguir, e que preferimos não alterar, para não tirar à sua prosa, o sabor ingénuo e inexperienced, próprio duma rapariga que não está habituada a escrever para os jornais—a mentir a si própria para convencer e deslumbrar os outros!

* * *

COMO pessoa pouco experiente nestas coisas, quando me vem pedir para escrever um artigo, fico aflita, a pensar na maneira de distrair o espirito dos leitores amigos.

Cinefilos, que desejam filmar! Quando tiverem a ventura de entrar num filme, não se esqueçam do que lhes digo.

Filmar é fácil, quando se tem um grande realizador, como aqueles para quem tenho trabalhado, mas, escrever artigos, é a maior tragédia que há.

Meia dúzia de linhas que nos faz estalar os miolos e levaram duas horas a escrever, serão lidas por milhares de pessoas de todas as categorias, em... minutos.

Na minha curta carreira artística, têm-me pedido artigos sobre a minha vida, episódios da minha infância e entrevistas.

Hoje, o assunto é diferente.

Como vejo o estúdio...

O estúdio é, acima de tudo, trabalho e camaradagem.

Quando se entra, pela primeira vez, num estúdio, ficamos impressionados com tanta luz, mas, segundos depois, sentimos o desejo de viver dentro daquela casa gigante, cheia de reflectores, micros, máquinas—toda a série de aparelhos necessários para fazer um filme, e que constitui um mundo bem diferente daquele em que vivemos.

Tudo aquilo nos faz esquecer os dramas e comédias da vida.

A meu lado, no estúdio, privo com os grandes artistas do Teatro português e brasileiro: Procópio, Beatriz, Nascimento...

Como vêem, estou rodeada de tão grandes e ilustres artistas que, simples principiante que sou, tenho medo de escangalhar o conjunto.

Entre tantos e tão bons artistas, como me sairei eu?

O estúdio é... trabalho, luz e camaradagem.

Jean Murat



—...Vá ao «sud-express», é o que tem a fazer.

O navio fantasma...

Sabíamos já que o veleiro francês tinha arribado de manhã. «Cine-Jornal» não gosta de deixar os seus créditos por mãos alheias. Um dos nossos redactores tinha falado com Pierre Chenal e desvendara o mistério do «barco-fantasma», no Tejo...

Vale a pena seguir as circunstâncias que levaram o nosso «repórter» a descobrir o caso.

De manhã, com efeito, quando fazia a travessia do Tejo, da outra banda para cá, um dos nossos redactores, notou, com espanto, naquele estranho veleiro, dois homens de dorso nu, a esgrimir com sabres de coração. A voceria era enorme, em seu redor. Mas não se aterrorizou, porque lhe pareceu ver, nas enxárcias, um fotógrafo e num plano superior do convés, uma câmara cinematográfica assendada, que seguia o perigoso duelo.

Estranhou, claro está. Custava-lhe admitir a presença daquele veleiro «demodé», nas nossas águas, com tipos a baterem-se a sabre, ante as vistas complacentes da câmara cinematográfica.

E quando chegou à redacção contou-nos a história do «Navio-fantasma», lugre de «piratas» amadores... e cinéfilos, ao que parecia.

Acicatado pela curiosidade intensa de jornalista e para responder aos remques dos companheiros, decidiu-se a aclarar o mistério.

Aclara-se o mistério

De tarde, encetou as diligências precisas. Conseguiu chegar à fala de Pierre Chenal, o grande realizador francês, que dirigiu O Crime e o Castigo de Dostoiewsky.

E tudo se aclarou.

O veleiro em questão era o venerável «Pádua», que envelhecera a fazer carreiras entre a Itália e a Austrália e que agora, havia sido arrancado à sua pacífica missão de viveiro de ostras, num pórtico alemão, onde apodrecia aos bocados.

Fôra rebaptizado, desta vez, com o nome de «Elseneur», para nele se filmar a célebre novela de Jack London, *Les Mutins de l'Elseneur*, (Os amotinados do «Elseneur») e estava agora servindo de estúdio ambulante à «troupe» de cineastas e artistas franceses, que se encontravam a bordo.

O «Elseneur-Pádua» saiu de Brest em Outubro. Fêz-se ao mar, E ao longo das costas francesas, portuguesa e espanhola filmaram-se várias cenas. O mar, porém, foi-se cavando cada vez mais. O vento soprou com fúria. Os elementos amotinaram-se contra o veleiro, cujo cavername rangia, assustadoramente. E não houve mais remédio senão demandar a barra.

Quando o nosso redactor inquiriu de Pierre Chenal, se Jean Murat, a vedeta, se encontrava a bordo, aquele sorriu e limitou-se a dizer: — Antes de partirmos com rumo à Madeira, Canárias e Casablanca, é natural que Murat se junte à caravana...

Naquela altura, o nosso redactor não ligou importância à frase.

Só depois da comunicação recebida, compreendemos o seu alcance.

A menos que Murat apanhasse o barco a nado, teria que embarcar em Lisboa, ter de vir a Portugal.

De prevenção rigorosa...

No dia seguinte, os jornais permaneciam mudos e quedos, sobre a vinda de Jean Murat. Pierre Chenal fôra gentilíssimo. Apregoara os motivos da sua vinda a Lisboa, falara da nossa paisagem, e da ternura dos portugueses pelas coisas da França.

E dispusemo-nos então a receber o artista com todas as honras. Redactores mobilizados. Seródio, com a máquina engatilhada, à primeira voz. Uma fotografia do artista, no bôlso, para o que desse e viesse, e um ramo de rosas, de prevenção rigorosa, não fosse Annabella aparecer com êle e nos encontrasse desprevenidos...

Como vêem, todas as providências foram tomadas. Restava-nos apenas a hipótese de Murat não vir! Mas isso ver-se-ia na devida altura...

Espectativa frustrada

O «sud» chegou à tabela. Mas Jean Murat faltou em cheio. A nosso lado, uns senhores

franceses aguardavam também o artista. Ficaram com a mesma cara do que nós, quando o empregado superior do comboio nos declarou terminantemente, em tom que não admitia réplicas: «que conhecia muito bem o sr. Jean Murat, e que o «sud» trouxera, apenas, três passageiros de Paris, um diplomata holandês e dois portugueses»...

Quando aventámos a hipótese de Murat ter seguido para o Estoril o nosso homenzinho irritou-se:

— Não, não! O sr. Murat não viera — podíamos estar certos.

Tão insistente e categórica negativa fêz-nos nascer a suspeita de que êle sabia alguma coisa, e que se mantinha na oposição, talvez por amor de alguma nota de 20 francos bem ganha!

Seja como for! Falhámos esta reportagem! Não por culpa nossa! Tivemos tudo, menos Jean Murat...

Ah, rapazes, que grande «tiro» tínhamos dado, se êle não faltasse em cheio!...

FERNANDO FRAGOSO

e m Lisboa

O que vai ler-se é a história duma reportagem errática. Falhou! Paciência! Não deixámos, por isso, de viver todas as emoções inerentes, e as peripécias que rodaram a mesma merecem a pena contarmos-se.

Jean Murat esteve ou está em Lisboa? A hora a que escrevemos, a incógnita está ainda por resolver. Pode ser que, quando «Cine-Jornal» vier a lume, tudo esteja já esclarecido. O facto, porém, não invalidará o relato desta reportagem falhada, e o leitor seguirá, por certo, com o mesmo interesse, os passos do jornalista para lhe dar uma notícia à «sensational»...

Na quinta-feira, à noite, o telefone retiniu.

— Alô!

Uma voz feminina, do outro lado do fio, informou:

— Faz favor de dar atenção ao sr. dr. António de Menezes.

...

— Sabe alguma coisa acerca do Murat?

— Inquiri misteriosamente, o nosso prezado interlocutor.

— Não, volvi. — E, parodiando o Berley, na «Viúva Alegre», rematei: — Não adunra... sou director duma revista de cinema...

— Então vá lá uma «caixa», anunciou o sr. dr. António de Menezes: — O Jean Murat chega amanhã no «Sud-Express».

— Como soube? — inquirimos curiosos e estupefactos, ante a realidade dum facto que tão raras vezes se verifica: — a vinda a Portugal das grandes vedetas cinematográficas.

E o sr. dr. António de Menezes, precisou nestes termos:

— Acaba de entrar aqui no hospital, onde estou de serviço, o capitão do veleiro que arribou, esta manhã, ao nosso pórtico. Trata-se dum «quatro mastros», onde Pierre Chenal filma *Les Mutins de l'Elseneur*.

«Ora o capitão do barco, como todos os bons marinheiros, sofre da apendicite. Veio aqui ao hospital tratar-se. Palavra, puxa palavra e eis o facto — Murat chega amanhã a Lisboa!

— Mas...



De velas enfunadas, o «Pádua» demanda a barra do Tejo, trazendo a bordo a caravana que filma «Les Mutins de l'Elseneur»

ou a história duma entrevista, que falhou

Estrêlas cadentes...

TEM havido sempre, desde o advento do cinema, uma constelação, mais ou menos brilhante de «estrêlas», e de artistas favoritos. Todas as épocas de cinema tiveram os seus grandes expoentes na realização e na interpretação tiveram, diga-se já — os seus ídolos. Nossos pais, que se comoviam, até às lágrimas, com aqueles dramas italianos em duas partes, decoraram nomes, admiraram artistas de quem nunca mais ouvimos fa-

Nós próprios, que recordamos ainda aqueles infundáveis romances de episódios vistos no Condé e no Olympia e que no dia seguinte se liam no folhetim do jornal, nós próprios, já não nos lembramos dos nomes que outrora decoramos.

Os ídolos do cinema são um paradoxo. Não por serem ídolos, porque todas as artes têm artistas que aviltam. A diferença, porém, reside neste facto: enquanto na literatura, na música, nas belas-artistas, ficam nomes — no cinema esquecem.

No teatro e nas outras artes, os artistas trabalham, alguns desde crianças até à velhice, ficam a vida inteira dentro da profissão. E no cinema? Aparece hoje uma mulher que ilumina a tela com o seu talento, com a sua juventude. Faz furor. Gritam-na. Ganha celebridade. Num dado momento, em plena glória, desaparece, nunca mais se sabe qual o seu destino. Porque envelheceu? Não! Há estrêlas que desaparecem, em plena primavera, rodeadas de fama...

Que será feito d'ele? Porque deixou ela de filmar?

Quasi sempre as respostas são indecisas, mostrando, atrás de todas as explicações, os segredos da existência que eles têm, como todos os mortais. De longe em longe, uma notícia solta, deixamos antever um pouco da realidade e, onde nós teimamos em encontrar só sonho e vida alegre, aparece-nos hoje, o suicídio de Karl Dane por não ter trabalho; amanhã, o divórcio de Gilbert; depois, um processo escandaloso que nem sempre é produto da publicidade fantasista... E, depois, sempre, o artista que desaparece leva consigo uma incógnita à espera de solução, até o público esquecer...

Lembra-se o leitor de Lillian Gish? Apareceu nos teatros de Broadway, onde era considerada uma das grandes trágicas. Veio para o cinema, produziu e entre essas produções tem *O Vento*, que dispensa todos os elogios. E depois? Depois, nunca mais se viu na tela mas sabe-se que continua no teatro e faz, com frequência, visitas à Europa.

E de Olga Tchekhotova, a grande actriz russa que vimos em *Manobras de Amor*, *Troika* e outros filmes magni-

em numerosas comédias, de Reginald Deun, que casou com o encenador William Seiler e se dedicou ao teatro; *May Mac Avoy*, a heroína de *Ben-Hur*, que interpretou o primeiro filme sonoro americano, *Terror*, casou com Cleary, financeiro e director de filmes; *Colleen Moore* — uma das que lançou a moda da «franguinha» — e que, para casar com Alfred Scott, se divorciou de Mac Cormack... e do cinema.

Mas não só as filhas de Eva. Muitos dos seus companheiros não foram mais felizes.

Gaston Tillas, um bom galã de Hollywood, que vimos em *a Pista dos Gigantes* não fez mais nada de notável; Lars Hanson, o antigo parceiro de Greta Garbo que trabalhou ao lado de Gish em *O Vento*, voltou para a Suécia e depois de *O Canto do Prisioneiro* com Frelich e Dila Parlo, nunca mais deu sinal de si; Raymond Hatton que trabalhou com Wallace Beery em filmes cómicos, eclipsou-se e só dá um ar da sua graça em pequenos papeis; *Harry Langdon*, actor de reais méritos que vimos em, por exemplo, *Sua Excelên-*

lar. Viam-nos mover, num ritmo «sacade», porque o cinema estava na infância; viam-nos chorar, e contemplavam, nas «estrêlas», as tranças que chegavam aos pés, a elegância do vestido que limpava os lapetes, a graça do chapéu que parecia um arranha-céus com plumas; admiravam no galã, as guias do bigode, copiavam-lhe o modelo do casaco abotoado até ao pescoço. Nossos pais, tinham também as suas Gretas Garbos, os Charles Boyers. Depois, nossos irmãos mais velhos destruíram os ídolos antigos, criaram outros novos e, em vez dos dramalhões, dos galãs de joelhos, com mãos no peito e cotovelos no ar, arranjaram as «girls» do Mack Sennett, cobriram os astros de côco, puseram-lhe uma rosa ao peito e um charuto na boca. Essas personagens, que fizeram furor, e que não tivemos a honra de conhecer senão de tradição, foram então, o que são para nós, hoje, as «girls» do Edie Cantor o que é, para a nossa vizinha da plateia, o Clark Gable ou o Maurice Chevalier — foram ídolos... e esqueceram-se...

E é esse, precisamente, que está o paradoxo do cinema.

Porque fogem e para onde fogem as «estrêlas»?

Eis a pergunta que tem ficado sem uma resposta cabal, que encerra mil dificuldades, que contém, tanta vez, mil segredos, os segredos dos ídolos cinematográficos.

ficos? Nada mais se sabe senão que vive afastada e que se dedica à escultura.

E d'este modo muitas outras: Lillian Roth, a intérprete do *Rei Vagabundo*, que também voltou para o teatro; Jetta Goudal, que vimos no *Espectro Verde* e que se dedicou com seu marido a fazer decorações para filmagens; Phyllis Haver, que trabalhou ao lado de Emil Jannings e de John Barrymore e que com o casamento abandonou definitivamente o cinema; Camilla Horn, a graciosa alemã que depois da produção de *Fausto*, com Jannings, foi para a América, donde voltou com a saúde arruinada, pelo horário de trabalho a que foi submetida; Barbara La Marr, que faleceu em 1926, vítima de um regime alimentar severíssimo; Laura La Plante, companheira,

ciu o *Chefe da Gare*, trabalhou depois com Al Jolson e... nunca mais se viu; Douglas Mac Lean, que foi um dos que a sonoro matou e acaba de assinar, com a R. K. O. um contrato para supervisor; Rod La Roque, que teve grande aura, dedicou-se ao teatro com sua mulher Wilma Banky, e hoje dedica-se a pequenas invenções.

E mais, muitos mais, que fugiram, que esqueceram, deixando pelas telas do mundo, pedaços da sua alma de artistas. Porquê? Não sei, ninguém sabe. Talvez porque o cinema, a mais moderna das artes, tem um ritmo célere, tem exigências de volúvel, tem afinal, uma vida mais intensa que mais rapidamente queima os cérebros e as vidas que por ele passam.

FERNANDO GARCIA

AMARANTE

«Bocage», o próximo filme desse denodado batalhador que é Leitão de Barros já não é só um título, já não é só uma esperança — entra afoitamente nos domínios da realidade.

«Bocage», cuja realização vai ser iniciada dentro de pouco tempo, será, por certo, mais um título de glória para o seu animador, será mais um passo dado pelo cinema nacional, que tão desamparado tem sido a despeito da sua simpática, patriótica e utilíssima finalidade.

A escolha do protagonista

A escolha do protagonista deste filme tomou foros de enigma indecifrável. Trabalho de grande responsabilidade para quem o interpreta e para quem o dirige, não podia ser entregue sem uma confiança cega nos méritos de quem tomasse sobre os seus ombros a pesada tarefa.

Vieram nomes à baila, nomes sem conta, anónimos e conhecidos, nomes que apareciam e automaticamente se sumiam até que, ultimamente, um nome lamborilhou mais insistentemente aos ouvidos da opinião pública. Um nome sonoro, um nome conhecido, um nome de cartaz — Estêvão Amarante.

Quisemos ouvir da boca do popular e querido artista algo sobre o seu futuro trabalho, sobre o seu grande trabalho do futuro. E o distinto artista, pronto e gentilmente, deu-nos, em primeira mão, as suas impressões, nótulas enrosnadas, em que o artista se abre em interessantíssimas e sensatas confidências.

Amarante será o «Bocage»

— Está assente V. fazer o protagonista do filme «Bocage»?

— Em absoluto. Há mais de um ano que Leitão de Barros me falou nesse trabalho e, confesso, desde togo me interessou extraordinariamente. Ultimamente tocámos várias impressões, até que ficou, definitivamente, resolvido que eu fosse o protagonista do seu novo filme.

— Como julga interpretar a psicologia desse tipo tão curioso e popular?

— Não estou ainda, absolutamente, ao corrente da maneira como Leitão deseja tratá-lo. Não li, por enquanto, o «cenário», o que espero fazer logo que chegue a Lisboa; creio, no entanto, que várias facetas do heterogêneo temperamento dessa estranha personagem, boémio, sentimental e talentoso poeta, serão tratadas no filme.

— Quando serão principiados os trabalhos de filmagem?

— Segundo as mais recentes informações que tenho, julgo que começaremos a trabalhar na primeira quinzena de Dezembro próximo.

Devo confessar que, apesar de conhecer a grande responsabilidade da minha missão, estou com um grande interesse em a iniciar, sobretudo porque creio que este filme terá um novo sentido artístico.

A's voltas com os clássicos

No olhar vivo, penetrante, agudo, de Amarante perpassa um brilho de entusiasmo, filho do interesse com que, devotadamente, costuma estudar as suas criações artísticas que, hoje, formam uma honrosa galeria, no nosso Teatro.

— De maneira que, o meu amigo, sente-se já metido Bocage...

— Um pouco mais. Sinto-me Bocage até à medula. Tenho procurado colher elementos, em grande número, de escritores, para me identificar, tanto quanto possível, com todos os sentimentos inimicos da personagem que vou reviver. Tenho lido todos os clássicos e, presentemente, anda às voltas com o dr. Teófilo Braga.

— É louvável a sua orientação!

— Tem-me sido, pelo menos, útil e proveitosa. Há uma edição curiosíssima das «Poesias eróticas», de Bocage, feita na Bélgica, que está esgotada. Demostrei a algumas pessoas interesse em ler esta obra. Difícilmente a adquiriria por 500\$00. Mas, um amigo, de passagem por Amarante, deambulando distraidamente pela feira, comprou-me este volume, num feirante alfarrabista, pela modicíssima quantia de 10 escudos!...

Amarante já abateu 3 quilos

A honestidade de processos e o meticuloso cuidado que o nosso entrevistado põe no estudo da personagem que vai animar, cheio de fé e entusiasmo, é um exemplo digno de apreço e de ser seguido, pela probidade artística que revela.

— Habitado, como está, ao pulso, não lhe causa confusão o trabalho no estúdio?

— Absolutamente nenhuma. Habituei-me, facilmente à luz dos projectores potentes e à elevada temperatura sob a qual se tem de trabalhar. Sei que terei de estar no estúdio de manhã muito cedo e que a filmagem se pode prolongar, intensivamente, até altas horas da noite. O baptismo que recebi em França, pôs-me à prova de fogo.

— Já conhece bem as exigências da arte...

— Mais. Durante a viagem que fiz a Africa, engordei um pouco. Para não prejudicar ou dificultar a minha actuação no filme, intensifiquei as minhas sessões de ginástica. Necessitamos duma apreciável «souplesse» e constato que não têm sido baldados a minha persistência e o meu esforço. Já abati três quilos e conto que, até ao início dos trabalhos da filmagem, ainda abateerei outros três.

— Preparado e pronto para o «combate», aguardamos com ansiedade o seu trabalho e, de-certo, como nós, todo o público.

— Tudo farei para não desmerecer da confiança que em mim depositam. De resto, Leitão de Barros sabe o que quer, e como quer e estou confiante que, da sincera colaboração de todos, algo se fará de novo para o cinema português.

Estêvão Amarante oferece-nos a fotografia que publicamos com a gentil dedicatória que é, nitidamente, o reflexo do seu espírito «charmeur».

Do seu invulgar temperamento de artista e da sua requintada sensibilidade, deduzirá o leitor, pelas notas que aí ficam, qual a predisposição de espírito dum dos maiores actores portugueses que vai interpretar o protagonista do filme «Bocage», com alma e nervos, com a mesma sincera probidade artística com que há mos vem brilhando no nosso teatro, como astro de primeira e inconfundível grandeza.

CARLOS MOREIRA

que será o protagonista de
Bocage



confia a «Cine-jornal» as suas primeiras impressões sobre aquela obra e sobre a figura que vai reviver na tela

—Minha irmã Alice é noiva de Ricardo. E uma vez que a infanta da França seja rainha de Inglaterra...
—o leão inglês, livra-se sem arrastar. Sois um rei admirável, saçar, diplomático...
—Sou um rei que ama a França e que procura velar pela sua segurança. Conrado, Alice e eu iremos, em breve, à Inglaterra. E Ricardo cumprirá a sua palavra.

Ricardo Coração de Leão recebe com

poquíssimo entusiasmo a notícia que o Conde Robert de Leicester lhe traz a toda a pressa: Felipe de França e a Infanta Alice agarram-se.
O monarca está decidido a ouvir o seu novo trovador Blondel e espera, com o seu escudeiro Alano, que o hercúleo guerreiro acabe de forjar a espada real que tem entre mãos. E parece não ter pressa.

Os franceses começam a mostrar o seu desagrado pela família demora do monarca inglês. O infante João, de Inglaterra, aparece, em vez do irmão. Não tenta desculpa-lo. E não parece interessar-se muito pela diplomática missão, que vêm cumprir.

A conversa torna um longo pouco monótona. Está imbuído um compromisso entre os dois monarcas. Mas os monarcas que se encontram face a face, têm uma benéfica influência no marcha dos acontecimentos.

Um cavaleiro informa Ricardo do que se trata. O Eremita chegou para pregar a Cruzada. Todos os que ouvem,

S

ALADINO, salido do Egito e da

Síria, atravessa as ruas de Jeru-

salem, com todo o esplendor do

seu poderio e da sua glória. A

poucos passos do branco corcel que

travessa, segue a escolta, à frente da

qual se destaca Korakuch, um dos mais

valentes lagares-lanceiros do senhor

diquelas domínios.

De entre a plebe, que acorre a vi-

ciar Saladino, sai um homem, Alno, de

aspecto respeitável, é o Eremita, um

dos muitos peregrinos cristãos que

todos os anos acorrem à Cidade Santa,

sem temer os perigos das vez muires,

que se intimidam com a crescente

hostilidade dos infidéis.

Postado no meio da rua pela qual

avancam Saladino e o seu séquito, o

Eremita aguarda. O cortejo vai a pa-

ssar. O povo dobo o joelho em terra.

Mas o anício permanece, hirtu, no

meio da rua, sem temer a ira da turba,

agora altanante.

—Jerusalém é tua, Saladino — grita o

Eremita, quando o salido se acerca.

Mas há algo que lu nunca venciás: A

Cruz de Cristo!

As vozes dos que pediam a morte do

insolente. E sorri, com condescen-

ça e despréio

O Eremita olha-o fixamente. Já que

as suplicas de nada valem, as armas

crístias, pela força, conseguirão apulho

que as boas palavras têm sido impo-

tescentes para conseguit: respeito pelos

peregrinos que acorrem a orar nos li-

gares santificados pela presença do

Filho do Homem.

Vai buscar os seus cristãos — diz

Saladino Eremita. E eis — acen-

ta-ceneta dirigindo-se à turba — deixen-

no ir!

A França inteira respondeu com um

só e prolongado clamor à voz que pregava

as Cruzadas! Deus o quere! Deus o

quere! é o grilo que, correndo de boca

em boca, agitou, sob um só estandarte,

o senhor e o vassallo, o cavaleiro e o

homem de armas. O nobre e o plebeu,

o poderoso e o humilde, confundem-se,

formam um bloco único. Todos se sen-

tem animados pela mesma fé. Todos

têm um fim: partir para a Terra Santa

e entrar, como triunfadores em Jeru-

salem, para ali fixarem como guardiões

dos santuários da Cristandade.

Felipe, Rei de França, e Conrado de Montfort, depois de haverem recebido a cruz nobre, o distintivo do ingráto nas legiões que a Europa cristã lançara contra o Oriente musulmano, conversam.

—Senhor! Quem fará frente a Ricardo, quando nos partirmos? — pergunta o monarca.

—Sim, a Ricardo Coração de Leão, insiste o outro.

—Assenhorar-se-á da França! que res tu dizer, Conrado.

—Por certo, senhor!

O Eremita sorri.

O monarca sorri.



incendados pela fé crística que pulhava no seu seio, pedem ao Rei que o ouça.

Ricardo Coração de Leão vê com indiferença o que passa no Oriente. Para ele tanto lhe faz que, em Jerusalém, impera a Cruz dos cristãos, como o crescente dos mahometanos.

Mas, quando o rei diz, ao Eremita, que tudo aquele que se alista nas Cruzadas fica desobrigado dos seus anteriores compromissos, vê uma excelente ocasião de se livrar do pesado fardo que para ele representa o casamento que concertou com Alice, princesa de França.

—É esta a minha resposta? Vai dizer a Felipe, volvem o rei para Blondel, depois de ter recebido a insignia das Cruzadas.

A resposta de Alice é a mesma, arribo-o trovador apontando o grupo onde a Infanta, aos pés do Eremita, tomava nas mãos uma cruz igual aquela que o Rei de Inglaterra ostentava no seu peito.

Sencho de Navarra, o obscuro soberano, que tem mais de mercador do que de guerreiro, acorreu a Marselha, a fim de aguardar as Cruzadas que ali se deviam reunir para o embarque.

Sencho, que levou consigo copiosas provisões e rebanhos, dos quais um só chagaria para dar de comer para um exército inteiro, procura sacar do negócio

o máximo partido. Ricardo chega com as suas tropas, falho de mantimentos, e propõe-lhe a cedência dos mesmos a tróico de hipotecas que lhe dá para sobre a sua esquadra.

O astuto navarro vê chegado o momento de realizar um negócio favorável. E propõe-lhe que se case com a filha de Navarra, e de

leva consigo, em dote, tudo aquilo que os cruzados ingales viram a necessaliar.

Ricardo, atendendo à precária situação, aceita a proposta. Mas dá a entender que pouco lhe importa a noiva que, para mais não couber, e pela prática a prerrogativa real, pela que os monarcas se podem fazer representar, no altar, apenas pela sua esquadra.

Infanta de Navarra sofre, em público, a humilhação, justamente do honren que sonhara ser o mais audaz, o mais cavalheiresco, o mais gentil dos nobres fidalgos ingleses.

No seu coração saenem um ódio invencível, que cilaen o doce affecto que não se abrigava. E contentem-se de que nunca mais lhe perdoaria.

Pouco antes de embarcar para São João d'Acce, Ricardo Coração de Leão, atónico, descobre que certa dama que o cativara, na janela duma das ruas de Marselha, é nada mais nada menos do que sua mulher.

E esta, que devia ficar em terra, magdo seu, parte, no barco do rei de Inglaterra, com rumo ao Oriente.

Os chefes do exército crístico reunem-se em conselho. Felipe de França, Conrado de Montfort, Guilherme da Sicília, Leopoldo da Austria, Frederico da Prússia, Miguel da Rússia, Hugo de Borgonha, Nicolau da Hungria, e Sven, o fiel caudillo dos ferrenzes escandinavos, aguardam a chegada de Ricardo Coração de Leão, que não se faz tardar, acompanhado de Bieren

gaela, que apresenta como sua mulher, rainha de Inglaterra. Felipe não pôde esconder o seu despeito e o seu ranismo.

—Que hi há de verdade acerca dos seus rumos? pergunta.

—Pactuem-se, com Saladino... — lemos para guerrear e no para pedir merces! volve Ricardo.

—Pode ser que o infiel nos queira ófrecer uma paz vantaloza!

Saladino acenitá a paz imposta pelas nossas armas? que o Rei de Inglaterra, com os olhos chamanteles, fazendo inção de arrancar a esquadra.

(Conclui na pág. 14)

Composição de RALF.

Em Neubabelsberg, a Cinelândia alemã, reina grande actividade. É caso para dizer que não há tempo para estar parado. Mal saem os artistas, fotógrafos, directores e pessoal técnico que preparam determinado filme logo outro grupo de operários entra nos estúdios para desmontar as decorações e construir novos cenários, para que, no dia seguinte, os directores de cena e os artistas do outro filme comecem a filmar as primeiras cenas.

O produtor Karl Ritter por nada deste mundo perderia a sua imperturbável paciência. O ruído que vai pelos corredores, é imenso e as malas que vêm a um canto do aposento, levam-nos a perguntar se tencionam emigrar para alguma terra longínqua.

— Não — responde-nos — não lencio deixar o meu país senão por algum tempo, para ir preparar um novo filme. Parece-me que para isso preciso de levar algumas malas...

— Não digo que não, mas tudo isto dá a impressão de que está a preparar-se para uma grande e demorada expedição. Qual será o destino da vossa cavaleira?...

— Uma ilha possivelmente deshabitada, perdida no meio do mar, com meia dúzia de tubarões a rondar a raia, e nenhum navio à vista. Veja se se arranja esse pariazo...

— Dada a hipótese de que essa ilha exista, quais são as suas intenções?

— Muito simples. Colocaria, na ilha, alguns cidadãos honestos, que procuram viver nela à custa de muito trabalho e perseverança. A esses homens acrescentaria uma mulher, para representar, na ilha, o sentimento do belo e o conforto do lar. Mas como esses homens, se todos fossem honestos, acabam por transformar, de facto, a ilha num paraíso de felicidade, acrescentar-lhes-ia ainda meia dúzia de celebrados, vestidos de todas as más qualidades que se possam imaginar, e que contrastarão com os outros. Estes terão portanto que conviver com aventureiros, gozistas, hipócritas, criminosos e misérrimos. E olhe que não é nada fácil granjar tais meliantes. Mas não é só na ilha que preciso deles; quero também alguns especuladores, vigaristas, varentos, criminosos e falsários. Ando portanto a procurar, não só da ilha, mas também dos mais infames dos homens, e uma empresa bastante difícil, mas parece-me que encontrei a solução. Há uma coisa mais difícil de achar...

— ...?

— Sim! Um pingüim inteligente! Ou, melhor, o mais inteligente dos pingüins!

— Cada vez compreendo menos, admitindo que seja possível examinar inteligência dos pingüins, para que mereça o mais inteligente de todos eles, que significa esse enigma das pessoas honestas em convivio com celerados uma ilha deshabitada?

— Eu lhe explico. O meu novo filme é o último quadro de Santa Cruz é dedicado dum romance de Frank por dois lippl de colaboração com o realizador Klingler. Esse livro conta as aventuras de meia dúzia de pessoas que foram viver para uma ilha deserta. Para isso preciso de uma ilha e essa ilha encontra-se no Atlântico, ao largo da costa americana. Ali serão maniveladas algumas cenas das mais importantes. E nesse pedaço de terra perdido no Oceano que os últimos quadros e o pingüim vivem na melhor camaradagem até o dia em que se vêem aniquilados pelo trabalho e pelas privações.

A NOIVA DE FRANKENSTEIN

Todos se lembram ainda do enorme êxito alcançado por *Frankenstein*, a terrorífica história dum monstro criado pela mente encandecida dum sábio, e que era um "puzzle" de corpos roubados aos museus anatómicos e à paz dos sepulcros.

A voga que o filme conheceu, e a curiosa figura, tão depressa popularizada, levaram os produtores a reincidir na realização duma obra, que revivesse a silueta inquietante desse ser «fabricado», que causara o pânico, numa cidade, quando, iludindo a vigilância dos seus guardiões, fugira, para, à solta, dar largas aos seus instintos.

Um filme aterrorizante

A «Universal», a grande firma americana que tão belos filmes nos tem dado, lançou-se, com efeito, na realização do novo filme. Bus-

Uma interpretação esmagadora

Boris Karloff, compõe, uma vez mais, a impressionante figura do monstro. A seu lado, Elsa Lanchester, a mulher de Charles Langton, dá-nos a medida do seu talento, na figura da noiva do monstro.

São dignos um do outro os dois artistas, pela violência das suas interpretações, que nos esmagam totalmente.

Em resumo: *A Noiva de Frankenstein*, o melhor filme, no seu género, que veremos esta temporada, e que no Porto, fez a mais brilhante das carreiras, vai-se impor, como um êxito clamoroso, como um novo triunfo para os cinemas Palácio e Odéon, como um filme de que a Companhia Cinematográfica de Portugal, muito justamente, se deverá orgulhar!



cou um argumento empolgante, confiou, de novo, a Boris Karloff, a aterrorizante figura de «Frankenstein», e realizou um filme, que excede, largamente, sob o aspecto técnico e espectacular, o seu predecessor.

Trata-se da *Noiva de Frankenstein*, que vamos ver, em breve, nos cinemas Palácio e Odéon, e que tão impressionante é que a Inspeção Geral dos Espectáculos consentiu a sua exibição desde que a mesma seja interdita a aos menores e às pessoas nervosas!

Tal a soma de emoções, a violência de terror, que ela em si contém.

O idílio dos dois monstros

O que é a história?

O idílio macabro entre o monstro e a sua noiva, outra mulher labrada pelo mesmo processo, manta humana de retalhos dos seres mais heterogêneos, mais inconsequentes, mais disformes!

Os crimes sucedem-se, feras, em liberdade, deixam, por toda a parte, um rasto de sangue!

Por fim, após alucinantes peripécias, uma explosão aniquila os dois seres, e com eles finda o pesadelo daqueles que por eles eram perseguidos, torturados, física e moralmente.

**UM GRANDE FILME DA "UNIVERSAL",
a estrear nos cinemas "Palácio" e "Odéon"
Distr. Companhia Cinematográfica de Portugal**

Os filmes da semana

ESTRADA IMPERIAL. — Um filme francês, realizado por Marcel L'Herbier, com inegável interesse, a despeito da lentidão, por vezes exagerada, da sequência dos episódios e do diálogo. O ambiente, dentro do qual as figuras se movem, está bem criado. A história é um pouco folhetinesca, mas a interpretação de Kate de Negy e Pierre Richard Willm. dá-lhe novos encantos. Fotografia magnífica, quer no exterior, quer nos interiores. Em resumo, uma obra de fôlego do cinema francês, com defeitos, é certo, mas com méritos artísticos e espectaculares. (Estreado no Tivoli. Distribuição S. U. S.).

O SENHOR DO MUNDO. — Um filme de Harry Piel, bem realizado e melhor interpretado. Acção, movimento e alguns clous. Espectáculo, categoria artística e um tema que sai fora da banalidade. O agrado, com que o público o recebeu, prova que o filme atingiu, plenamente, os seus fins. (Estreado no «Central». Distribuição Rail Lopes Freire, Limitada.).

OS FILHOS DO DESERTO. — A melhor farsa de Laurel & Hardy. Um turbilhão de «gags» que obriga o público a rir intensamente, do princípio ao fim. Há muito tempo que não vemos uma plateia rir com tanto gosto. Realização de William A. Seiter. O grande cineasta americano, segundo uma história tão original como feliz. Laurel & Hardy são inimitáveis. O primeiro, sobretudo, tem cenas colossais. Um filme que fará a delícia dos miúdos — e da gente grada que gosta de rir e esquecer as tristezas da vida! (Estreado no «São Luiz». Distribuição M. G. M.).

O CRUZEIRO AMARELO. — Um documentário empolgante, do mais notável que o cinema nos tem dado! 30.000 quilómetros, em automóvel, através da Ásia. A revelação dum mundo desconhecido! Um filme que prestigia o cinema, e que apregoa, bem alto, a sua força, como agente educador de primeira ordem! (Estreado no «São Luiz». Distribuição: Companhia Cinematográfica de Portugal).

JUANITA. — Alfred Rode e a sua orquestra zingara. Lindas canções, melodias embaldadoras — executadas primorosamente pela mais famosa orquestra no seu género! Um mimo de musicalidade! Só por isso, vale a pena ver este filme! (Estreado no «Condessa». Distribuição J. Castelo Lopes, Limitada.).

A VALSA DO ADEUS. — Todo o romantismo duma época, evocado num filme delicioso. O idílio de Chopin e de George Sand, eterno tema de amor. O maior génio da música, que revive, com as melhores páginas que compôs, num filme admirável, à altura do nome do seu realizador, Geza von Bolvary.

Jean Servais, na figura do inesquecível compositor das valsas, nocturnos e «polonaises», que ainda hoje são insuperáveis. (Estreado no «Palácio» e «Odéon». Distribuição da Sonoro-Filme.).

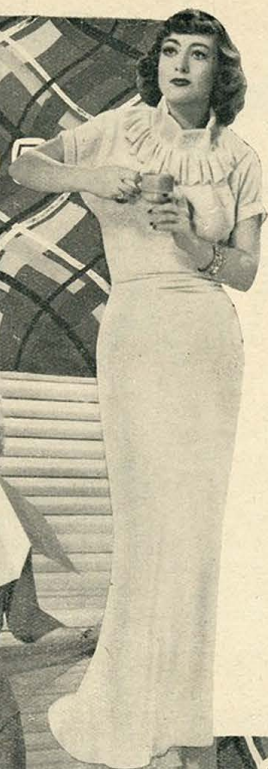
OS LANCEIROS DA INDIA. — Um dos grandes espectáculos do ano. Um filme glorioso, heróico e sublime, que exalta os sentimentos de lealdade, abnegação e do dever dos lanceiros de Bengala, o regimento que é o símbolo da própria Inglaterra, na Índia inquieta e revolta.

Grandeza, espectáculo, emoção e heroísmo, tudo neste filme se contém numa dose tal, que o torna num dos grandes e dos mais célebres filmes do ano!

A consagração de Franchot Tone, ao lado de Gary Cooper, Richard Crowell, Sir Guy Standing e Kathleen Burke. Uma obra inesquecível, que, tão cedo, se não apagará da memória dos espectadores. (Estreado no «Polikama». Distribuição da «Paramount».).



O AMOR ACIMA DE TUDO



«As grandes paixões são sempre aborrecidas, porque são incompatíveis com o bom humor. Ninguém se pode rir, durante um ciclone».

Há várias formas de amor, ou, melhor, — de amor! Qual delas dá a felicidade? É o amor cego, que os poetas cantam! É o amor-sensual, que embriaga como um «cocktails»? É o amor-amizade, que tem sempre o mesmo calor, como o fogo, sob as cinzas — a amizade feita da simpatia e da compreensão?

É difícil responder.

Ouçamos Joan Crawford, que há pouco casou com Franchot, e que tem, na matéria, a autoridade que lhe advém duma longa experiência.

*

Gostaria que compreendessem bem o que eu quero dizer. Não devemos ter medo de que o amor se transforme em «felicidade». Antes pelo contrário — desejar que a metamorfose se opere, para que ele não tenha a duração e o deslumbramento duma estrêla, que risca no céu a sua rota luminosa, e que se extingue momentos depois!

Nada mais ambicioso, hoje, na vida. Tenho aquilo que eu mais podia desejar. Uma amizade persistente, devotada até ao sacrifício — Franchot!

*

Falei de mais no amor. Tanto, tanto, que já não tenho palavras para definir a amizade! As mulheres, em regra, não se convencem de que é muito mais agradável conquistar o amor, dia a dia, do que cair nos braços dum homem, loucamente apaixonada, ao primeiro encontro! No último caso, é a felicidade desbordante, feita de irreflexão e de ímpetos. No primeiro, é a felicidade que se vai buscar sem ser ao acaso, às apalpadelas, que se sabe que existe e onde está!

*

Tenho autoridade para falar. Vivi já as duas modalidades, chamemo-lhe assim. Nunca teria apreciado a amizade, como mereço, se não houvesse conhecido já esse amor, feito pelos sentidos.

Nos primeiros tempos, após o meu divórcio de Douglas, pensei, durante horas e horas, no que tinha acontecido!

Só mais tarde pude decifrar o mistério. Apaixonámo-nos demasiadamente um pelo outro. Tanto, tanto — que esquecemos a amizade.

A amizade não nasce, dum instante para o outro, quando se quer — mesmo se os dois interessados forem, à face da lei, marido e mulher. Em primeiro lugar, porque julgam, na realidade, que são amigos. Supõem que se amam mutuamente, que têm hábitos idênticos e um ideal único, na vida, que realizam.

E porquê? Porque um amor, levado a esses extremos, calca a seus pés a própria personalidade dos dois amantes. É tal a vontade

que têm de agradar um ao outro, que enganamos o homem dos nossos sonhos ao mesmo tempo que nos enganamos a nós próprias.

E, uma vez casadas, acabamos por nos revoltar contra a figura que criamos. E é por isso que um casamento baseado nas primeiras impressões tem um ar de catástrofe, que impressiona. Poucos lares resistem às primeiras nuvens negras, que toldam a felicidade dos primeiros dias...

*

Nunca penso em Norma Shearer e Irving Thalberg sem invejar a sua felicidade. São o exemplo perfeito do lar alicerçado sobre uma sólida amizade.

O seu caso é quase único, em Hollywood! Como o amor é frágil sem a amizade!

Nunca lhes aconteceu olharem um homem com enorme interesse, desejá-lo para si, naquele momento — e esquecê-lo no dia seguinte?! É que nada há como a amizade, para manter o fogo sagrado entre dois cônjuges, quando o amor começa a arrefecer devagarinho, minado pelo próprio casamento.

*

O que dizer acerca desta amizade, *double* de amor?

Que nasce lentamente. Cresce, dia a dia! Não prejudica ninguém, antes pelo contrário. Quando a amizade e o amor comungam intimamente, não há decepções, não há mentiras, porque um amigo aprecia-nos tal como nós somos e não como queria ou como desejava que fôssemos!

O amor sem a amizade não é amor! Quando grito «o amor acima de tudo», quero-me referir ao amor-amizade, maior bem da vida.

Por esse motivo, não me envergonho quando dizem que eu e Franchot estamos ligados por uma amizade profunda, vagamente condimentada dum amor calmo, doce, romântico.

Não me envergonho, repito! Pelo contrário, é esse um dos grandes orgulhos da minha vida!

Finalmente, vou ser feliz!

JOAN CRAWFORD



LANCEIROS DA ÍNDIA

Desde quinta-feira, Lisboa tem, no Politeama — o filme que esperava! Os Lanceiros da Índia, um dos filmes máximos de todos os tempos, vinha sendo aguardado, com efeito, com a maior das expectativas, pelo público de Lisboa, sabedor do valor do filme pelo êxito que alcançou lá fora, e que agora se confirmou plenamente, em Lisboa e no Porto, através duma carreira brilhante, iniciada há pouco, é certo, mas sempre com lotações esgotadas — uma carreira que promete!

De todos os filmes, realizados ultimamente, Lanceiros da Índia é um dos mais belos, dos mais empolgantes, dos mais completos, que o cinema nos tem dado.

Interessa as «élites» e interessa o povo. É uma obra forte, com um tema heróico, e com um conflito duma nobreza rara. É a epopeia dos lanceiros ingleses, na Índia inquieta e insubmissa. É uma ode ao prestígio da velha Inglaterra, feito à custa do sangue dos seus servidores, muitos deles, por amor da Pátria, tornados mártires, no solo árido e pedregoso da Índia inconquistável!

Os Lanceiros da Índia, que Franchot Tone, Gary Cooper, Richard Cromwell e Sir Guy Standing interpretam, vale pelo seu argumento forte, que arrebatava e apaixona; pelo quadro, pitoresco e bellissimo, onde a acção se desenvolve; e, sobretudo, pela sua técnica impecável, certa, matemática, que lhe dá uma categoria artística insuspeita, digna da sua excepcional, espectacular.



Um grande filme "Paramount"

cável, certa, matemática, que lhe dá uma categoria artística insuspeita, digna da sua excepcional, espectacular.

O público, esgotando muitos dias antes da sua estreia, a lotação do vasto Politeama, consagrou, de antemão, o filme gigante da «Paramount», como uma obra excelsa do cinema!

Vejam Lanceiros da Índia. Voltem lá, no dia seguinte, dias depois — para o ver melhor!

É que um filme como este que o Politeama exhibe agora, tem sempre novos encantos, e não cansa, porque agrada sempre.

É esse o segredo das obras-primas!



UM DOS
MAIORES
ÊXITOS
DO ANO!!

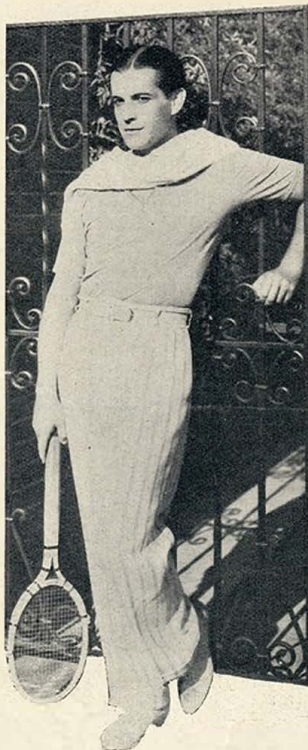


Grandeza e Decadência de Ramon Novarro

Após a sua viagem à Europa, há dois anos, viagem que, como todos sabem, redundou num êxito, Ramon regressou a Hollywood, animado com as provas de simpatia com que o haviam recebido, em Paris e em Londres! Interpretou, então, *O gato e o violino*, que não o satisfaz. Depois, *Laughing boy*, filme em que depositava fundadas esperanças, uma vez que a poética e romântica história dos amores de dois índios lhe agradava em cheio. Mas tudo parecia apostado contra ele. O *script-departement* massacrava o romance, desfigurava as próprias personagens. Como partiram muito tarde, para o Arizona, onde se filmavam os exteriores, foram obrigados a apressar o filme, ante a aproximação do inverno. Esta pressa não impediu que o frio surpreendesse a *troupe*, e o pobre Ramon foi obrigado a filmar, com temperaturas glaciais, tendo por único traje algo que lhe tapava uma décima parte do corpo. E tudo, afinal, para o filme redundar num insucesso.

Ramon, desgostoso, uma vez mais, com o cinema, partiu para uma *tournee* de canto e dança, através da América do Sul, levando como parceira sua irmã Carmen. O êxito desta *tournee* traduz-se em números, que são autênticas fortunas! Depois da visita de Caruso, o Rio de Janeiro e Buenos Aires nunca haviam consagrado com tamanho entusiasmo um artista.

Houve admiradoras que choraram de alegria!



DEPOIS do êxito de *Ben-Hur*, tinhamos o direito de esperar que Ramon, consagrado, de repente, como a maior vedeta de então, subisse, degraui a degraui, a escada da glória, e novos louros juntassem à sua coroa de triunfador. Os produtores americanos que, em regra, sabem, como nenhuns outros, «puxar» os seus artistas, e torná-los célebres à custa de dólares, parecem ter sido duma negligência lamentável, e até duma vontade flagrante, com o célebre astro mexicano.

Ramon, no entanto, prestou provas insofismáveis. Conseguiu impôr o seu nome, fazê-lo ouvir, no meio da «baralhada» infernal de *Ben-Hur*. O seu nome repercutiu-se nas multidões, como o eco pelas quebradas...

Ser vedeta dum tal filme e não se deixar esmagar por ele; impôr a sua figura e fazê-la sobressair no meio da grandiosidade da realização, do turbilhão da corrida das quadrigas e da melopeia dos remadores — é uma proeza de que poucos se podem gabar. Vejam, se não acreditam em tal afirmação, quais foram os artistas que conseguiram destacar-se das «grandes montagens» da época?

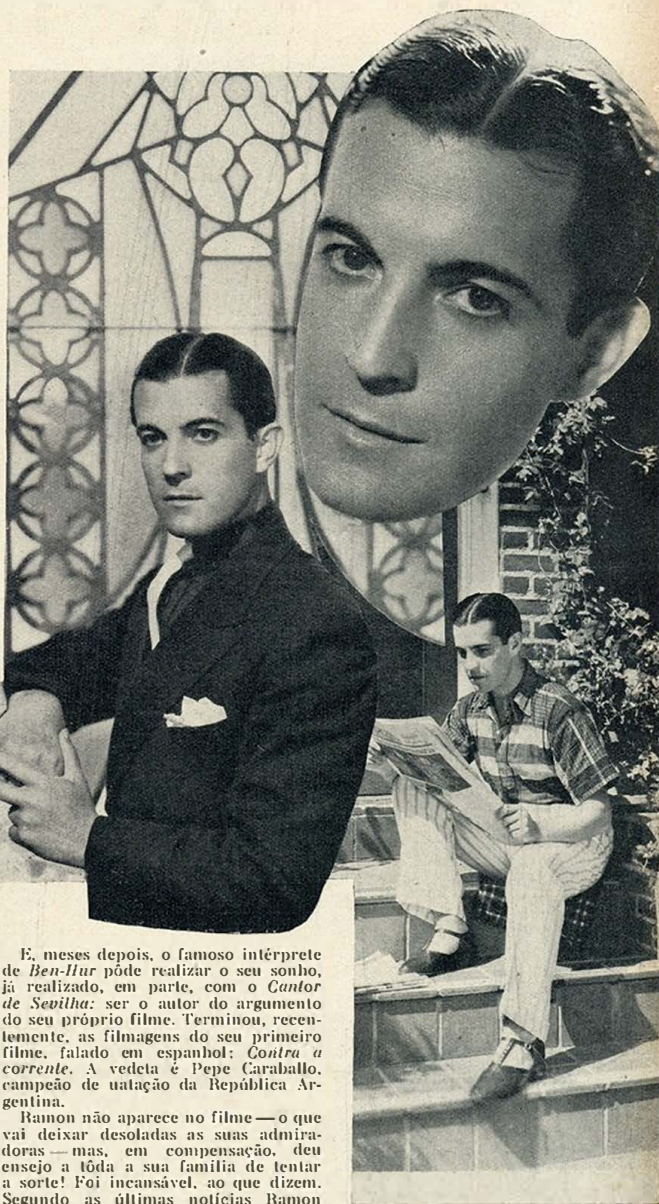
Não souberam ou não quiseram explorar o êxito fantástico de Ramon, o seu êxito individual, que foi um dos atractivos comerciais do famoso filme.

Foi justamente o retumbante êxito de Ramon que sentenciou a morte da sua carreira. A firma que o tinha sob contrato julgou que a presença do artista seria o bastante para impôr um filme. Olhou-o como um filão de ouro, que lhe permitiria, sem custo e sem preocupações de maior, fazer uma fortunazinha, rapidamente. Ramon era um bonito rapaz, inteligente e artista. Quando veio o sonoro, viram, com assombro, que, a todas as suas qualidades, Ramon juntava as de ser poliglota e ter uma voz bem timbrada. Era demasiado. E os produtores, habituados a impôr vedetas sem méritos alguns, à força duma publicidade intensa e fantasista, rejubilaram! Estava ali Ramon, uma realidade, um artista com inegáveis merecimentos. Era preciso, apenas, fazê-lo actuar. Como e em que — não interessava!

Lá estavam as 5.000 cartas, por semana, das admiradoras de todos os recantos do globo, a garantir a afirmação. O seu entusiasmo não arrefecia. Podiam-lhe dar argumentos estúpidos, mas pareceras, realizadores sem categoria.

Ramon continuava a ser um idolo, apesar de tudo.

Pensaram assim! Foi um erro. E Ramon sente agora os efeitos da situação que lhe criaram.



E, meses depois, o famoso intérprete de *Ben-Hur* pôde realizar o seu sonho, já realizado, em parte, com o *Cantor de Sevilha*: ser o autor do argumento do seu próprio filme. Terminou, recentemente, as filmagens do seu primeiro filme, falado em espanhol: *Contra a corrente*. A vedeta é Pepe Caraballo, campeão de uatção da República Argentina.

Ramon não aparece no filme — o que vai deixar desoladas as suas admiradoras — mas, em compensação, deu ensejo a toda a sua família de tentar a sorte! Foi incansável, ao que dizem. Segundo as últimas notícias Ramon está fatigado, mas contente. Tudo caminha bem. Espera estrear o seu filme, dentro em breve, em São Francisco e aparecerá em carne e osso no tablado.

«E depois?» perguntarão as admiradoras impacientes. Depois, é possível que Ramon venha novamente à Europa, onde será, por certo, mais uma vez, bem recebido. O contrato que o ligou à Metro, durante dez anos, não foi renovado. Quere ser independente e triunfar por si próprio. Tenciona apa-

recer nos palcos londrinos, para o que está escrevendo uma peça, que se intitula *It's another history* (A história é outra).

É preciso que ele se convença de que ainda não morreu. E o fogo sagrado, que arde nas cinzas da admiração das suas admiradoras, não deixará por certo de se alear novamente, para o animar a prosseguir na sua carreira, precocemente interrompida.

PÁGINA TEATRAL

PROLOGO

Está-se esboçando, entre a gente de teatro de Lisboa e Porto, uma divergência de opiniões — para não dizermos de critérios — que não pode nem deve subsistir.

A propósito de tudo, parece haver pessoas apostadas em afirmar que no meio teatral do Porto se detestam os artistas de Lisboa e que, da parte destes, alguma má vontade existe em trabalhar no Porto.

Ainda há dias, sobre a vinda a Lisboa dum embalsamador português, que não conseguiu aqui contratar os elementos necessários para uma exploração teatral, com uma peça de autores portugueses, se manifestou, mais uma vez, a extraordinária fantasia de certas pessoas, que em tudo vêm a tal inexorável *lulu teatral* inter-cidades...

Ora a verdade, por muito que isso pese a esses fabricantes de *botas verasmeis*, é que os artistas convidados não acceitaram o papel, por vários motivos, tal lhes não foi possível.

Não queremos profundar os motivos porque se atribue aos críticos e espec-

tores nortenhos tal disposição para patear tudo o que de Lisboa por lá apareça.

Motivos fúteis, que só devem existir nos cérebros dos que se entretem em criá-los, e que não podem, portanto, dar margem a movimentos de opinião.

Quanto a nós, uma única missão poderia caber à imprensa das duas cidades: — Fazer ver aos que teimam em separar Norte e Sul, que as duas cidades estão tão perto pela linha férrea e pelo coração, que baldado empenho será criar desavenças que a ninguém poderão aproveitar.

Em Lisboa há quem saiba escrever peças; no Porto também. Representem-se pois, misturadas nos reportórios, como não pode deixar de ser, e, quando uma cair, nunca digam que fracasou uma peça lisboeta ou uma peça portuense.

Digam só que caiu uma peça, — que já não é pequena a peça que pregam à Empresa...

O HOMEM QUE PUXA O PAÑO

Artistas que marcam

III

A bailarina Mafalda

Mafalda Evandauns, aquela bailarina gentil que há anos se encontra entre nós, ilustra hoje esta página com a sua silhueta elegante, tão conhecida já de todos os frequentadores dos nossos teatros, que têm tido, vastas vezes, ocasião de aplaudi-la.

Bailarina de rara intuição e inextinguível graciosidade, tem ilustrado, com a sua presença, algumas revistas portuguesas, que lhe têm ficado devendo grande parte dos seus sucessos.

Alemã de nascença, Mafalda deixou-se encantar pelo sol português, e acamaradrou, gostosamente, com as suas colegas portuguesas.

Mafalda está filmando para o «Trevo de 4 folhas». A sua actuação nesse filme, deve ser, disso estamos certos, mais um triunfo para a gentilíssima artista.



Mafalda, num dos seus bailados

As Cruzadas

(Conclusão da página 9)

Neste momento, o Grão-Mestre dos Templários anuncia que Saladino, sultão do Egipto e da Síria, envia emissários para negociar a paz, ou... declarar a guerra.

* * *

Graves são as notícias que Ricardo Coração de Leão recebe da sua pátria. Enquanto a flor, a nata das suas tropas, combate na frente de São João de Acre, o seu irmão, desleal e vingativo, aproveitou-se da ausência do soberano para se apoderar do trono.

Felipe de França faz-lhe saber as suas condições: se Ricardo remittir a Berenguela e casar com a Infanta de Navarra, terá os franceses pelo seu lado, para a reconquista do trono. No caso contrário, colocará as suas tropas ao lado do usurpador.

Ricardo prefere ver-se só, mas ao lado da mulher que ama. Todo o ódio desta se transformou em amor. E para não sacrificar o seu esboço amado, Be-

renguela expõe-se às setas dos archeiros, que defendem a praça sitiada.

Ferida por uma delas, Berenguela cai exânime e é recolhida por uma escolta infiel, que a leva à presença de Saladino. E o Eremita, vítima dum ciúde, fica também à mercê do senhor da Síria.

Um soldado inglês, mortalmente ferido, consegue levar ao soberano inglês a infausta nova. E Ricardo, desde então, tem um único anseio — conquistar São João de Acre, para salvar Berenguela — a mulher amada.

* * *

Sobre os muros que a arrogância muçulmana julgava inexpugnáveis, ondeiam agora os estandartes da Cristandade! Ressoam os cânticos romanos! A cidade está em festa.

Só Ricardo não esconde a sua tristeza. Berenguela, a mulher que adora de todo o coração, a fé que o animava na conquista da velha praça muçulmana, desapareceu.

Berenguela é presa de Saladino. Muito antes da conquista de São João de Acre, seguiu com Saladino para Jerusalém, manietada, amordagada, com o coração despedaçado pela dor!

* * *

— A Jerusalém! grita Ricardo saltando para cima do seu corcel.

— Senhor! adverte o fiel Leicester. É impossível, tamanha lemeridade! Metade dos nossos soldados morreram. Os outros estão exaustos de fadiga!

Venide num combate desigual, no qual os actos de audácia e de coragem foram improfeitos. Ricardo Coração de Leão, vagueia no campo de batalha, onde paira um ambiente de tragédia, marcado pelo estor do moribundos, que jazem nas sombras.

E, à mesma hora, nos paradisíacos jardins da sua vivenda, Saladino im-

plora o amor da sua cativa, a linda Berenguela.

Um emissário cristão, á custa de súplicas, consegue chegar à sala de Saladino. Conrado de Montferrete oferece-se para lhe entregar a cabeça de Ricardo Coração de Leão, se o sultão o coroar rei de Jerusalém.

Saladino repudia a infame proposta. E as instâncias de Berenguela, manda chamar Ricardo, a-fim-de negociar a paz.

* * *

Ricardo Coração de Leão ouve, atento, as propostas do senhor da Síria:

— As portas de Jerusalém serão abertas a todos os cristãos. Na Cidade Santa findarão os vexames e perseguições. Será, para todos, o santuário da Cristandade!

— Jurei que entraria em Jerusalém para tocar com a minha espada o Santo Sepulcro!

Berenguela suplica! Chora a seus pés! O que queriam as Cruzadas?! A paz e a entrada em Jerusalém! Que importa, ao pé desses bens, as vaidades feridas.

E Ricardo Coração de Leão, calcando a seus pés, o seu orgulho imenso consola-se:

— Aceito a paz que me ofereces!

* * *

Os sinos de Jerusalém repicam festivamente. Cânticos cristãos erguem-se nas ruas. As Cruzadas entraram na Cidade Santa.

Ricardo Coração de Leão está sombrio. Berenguela é cativa de Saladino. Este pretende-a, e não aceita o resgate.

Mas Berenguela aparece. Saladino envia-a com uma mensagem simples: «Saladino não é um salteador. Não toma pela força, aquilo que de bom grado se não lhe oferece».

O cântico dos cristãos adquire agora para Ricardo Coração de Leão um sentido novo. Nova é para os olhos do rei vencido a claridade com que o sol ilumina toda a terra. É do fundo da alma, tocada pela graça divina, sobem aos lábios de Ricardo Coração de Leão essas palavras, lírio de amor, oração primitiva:

— «Meus Deus! Sou vosso servo!»

OPINIÕES LIVRES

«Ondas curtas»

no Teatro da Trindade

A segunda peça do reportório da Companhia Brasileira de Jardel Jercolis, tem, sobre a anterior, a grande qualidade de ser muito mais brasileira.

Escrevemos «grande qualidade» porque demonstrado está que, noutro género, é difícil a uma companhia brasileira conseguir agradar ao nosso público. A razão explica-se: — A peça local, piadas a políticos brasileiros, diálogos de espírito restrito ao ambiente brasileiro, perdem-se, por desconhecidos da plateia. Numa revista essencialmente folclórica, como «Ondas Curtas», as probabilidades de sucesso têm de ser, fatalmente, muito maiores.

Depois, a companhia que ora nos visita, se exceptuarmos a actuação, sempre brilhante, de Mesquitinha, não vem preparada para grandes vãos de comedia. Mas, para interpretação de música brasileira, traz um belo grupo de artistas, à frente dos quais figura, a muita distância, Silvio Caldas.

Por todos estes motivos, «Ondas Curtas», coordenação de episódios sem ligação definida, mas com simpática apresentação, caiu mais na simpatia do nosso público, se bem que não lhe tivesse, inteiramente, enchido as medidas.

À cabeça do elenco, como sempre, além dos dois artistas já citados, as duas bailarinas, belos elementos em qualquer companhia do género.

Muito boa, a música. É a orquestra, a nosso ver, o melhor elemento da Companhia que actua no Trindade.

Fobres, o cenário e o guarda-roupa.

O HOMEM QUE PUXA O PAÑO

CINE-JORNAL

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO

Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Editora Lda (em organização)

Redacção e Administração: T. da Condessa do Rio 27

Telefone 2 1348 e 2 1327

Comp. impressão e gravuras BERTRAND (Irmãos), Lda

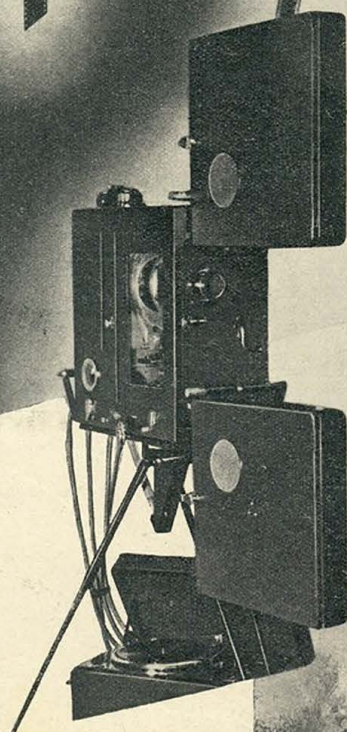
Trav. da Condessa do Rio 27—Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

32 números 1 ano	48\$00
25 " 6 meses	24\$50
12 " 3 meses	12\$00
Estancieiro e Colónias, 32 num. 1 ano	65\$00

Philips Cine Sonoro



O MAIS
PERFEITO APA-
RELHO PORTATIL
DE CINEMA SONORO
PARA FILMES DE 35^m/_m

Soc. Com. PHILIPS Portuguesa
Avenida da Liberdade, 3-1.º-LISBOA

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 4 — 11 DE NOVEMBRO DE 1935 — SAI TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



NESTE NÚMERO: UM DESENVOLVIDO ARGUMENTO DE «AS CRUZADAS»